

# PRÓLOGO FESTIVO: O “ESPERANDO SÃO JOÃO DE CACHOEIRA”

## Festive Prologue: “Esperando São João de Cachoeira”

Sérgio Ricardo Oliveira Martins\*  
Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins\*\*

**Resumo:** O projeto festivo “Esperando São João de Cachoeira-BA”, desde 2005, objetiva preparar a cidade para o São João Feira do Porto, alterando a temporalidade desta festa ao estendê-la por todo o mês de junho. A partir de dados secundários e observação participante das quatro últimas edições do Esperando São João, objetivamos compreender a ambivalência entre a percepção da “tradicional” festa junina e sua espetacularização. Em 2019, o Festival do Licor reforçou a dimensão econômica do Esperando São João. Assim, verificamos que, para além do viés “tradicional”, como um prólogo festivo, o Esperando São João antecipa e amplia os festejos juninos.

**Palavras-chave:** Festa; São João; Cidade; Cachoeira; Recôncavo.

**Abstract:** The festive project “Esperando São João de Cachoeira”, Bahia, Brazil, since 2005 aims to prepare the city for June Party, changing the temporality of this celebration by extending it throughout the month of June. Based on secondary data, direct and participant observation in the last four editions of “Esperando São João”, we aim to understand the ambivalence between the perception of the “traditional” June festival and its spectacularization. In 2019, the Liquor Festival reinforced the economic dimension of “Esperando São João”. Thus, we verified that, beyond the “traditional” slant, the “Esperando São João” anticipates and extends the June festivities.

**Keywords:** Celebration; São João; City; Cachoeira (town); Recôncavo da Bahia.

## Introdução

Cachoeira certamente está entre as cidades mais festivas da Bahia e do país. Para além do tom elogioso, tal assertiva prefere sinalizar a opção, por sucessivas administrações públicas municipais, pela promoção de eventos festivos como estratégia de dinamização econômica da cidade e valorização de seu reconhecido patrimônio histórico-cultural. Com um calendário anual marcado por cerca de 40 eventos festivos, relacionados ou não à religiosidade, Cachoeira segue um caminho recorrente: a opção pelo turismo cultural como estratégia de desenvolvimento econômico. Ela busca aproveitar seu reconhecido patrimônio arquitetônico e (re)estruturar os espaços públicos da cidade em função da festa, isto é, em função da centralidade que o *continuum* festivo (ciclos de organização, preparação e realização que se sucedem) ocupa na vida da cidade e do município.

O São João é certamente a festa de maior impacto sociocultural e eco-

\* Doutor em Geografia Humana, docente do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Email: sergiolivemartins@gmail.com.

\*\* Doutora em Estudos Literários, professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Email: waleskamartins.wm@gmail.com.

nômico em municípios do interior do Nordeste. Para além dos indicadores sociais e econômicos dessa proeminência do São João, em Cachoeira, essa festa é expressiva e “festivamente” esperada. Em Cachoeira, esperar o São João é projeto festivo da gestão pública municipal desde 2005. Com o objetivo declarado de preparar a cidade para o tradicional São João Feira do Porto de Cachoeira, o “Esperando São João” antecipa e expande a esperada festa; altera o espaço-tempo do evento; amplia o escopo comercial de geração de emprego e renda local; e certamente (re) produz ambivalências.

Esse estudo adota uma abordagem processual da história recente e do potencial turístico de Cachoeira, referenciando-se em pesquisas recentes e voltadas à compreensão do processo de dinamização econômica e cultural, a partir dos anos 1990, e mais especificamente o papel das festas nesse contexto. Nesse sentido, o procedimento adotado busca uma análise mais voltada aos processos, buscando correlacionar dados primários de fontes oficiais (IBGE, Superintendência de Estudos Econômicos do Estado da Bahia) com dados secundários. É importante considerar que a parte significativa dos dados e informações sobre as festas cachoeiranas foram obtidas nas páginas do facebook tanto da prefeitura municipal quanto da Secretaria de Cultura e Turismo de Cachoeira.

No trabalho de campo, entre maio e junho de 2019, quatro visitas de ob-

servação direta (1 sistemática e 3 assistemáticas) foram feitas aos segmentos do espaço urbano de Cachoeira, com o intuito de acompanhar a movimentação geral e as ações de preparação logística e operacional da maior festa de Cachoeira, o São João Feira do Porto. Precisamente é esse período que abrange os três finais de semanas que antecedem ao São João que constitui o projeto festivo “Esperando São João”, objeto deste estudo. Nesse período, foram obtidas informações sobre o turismo cultural de Cachoeira (tanto da parte da administração pública, quanto do empresariado local).

Observação participante das quatro últimas edições (2016 a 2019) do “Esperando São João de Cachoeira” foi o procedimento realizado por meio da nossa inserção participativa nos festejos juninos, período em que morávamos na cidade. A complexidade desse método claramente interacionista está, precisamente, na necessidade de experimentar e contemplar a perspectiva de participante da festa, ao mesmo tempo que se busca, enquanto pesquisadores, observar e registrar informações sobre a preparação logística e movimentação geral das pessoas nas estruturas que configuram o espaço da festa junina em Cachoeira, antes, durante e após sua realização.

Cabe acrescentar que este trabalho é parte do projeto de pesquisa “Cidades e Festas: As ambivalências do Recôncavo da Bahia”, do Grupo de Pesquisa “Tempo Ritual e Espaço Festivo”, e não mais que uma aproximação analítica e compreensiva dos efeitos socioeconômicos e espaciais da Festa de São João na cidade de Cachoeira-BA, numa perspectiva sensível à fluidez epistemológica do conceito de festa-questão, isto é, da festa como perspectiva a ser apreendida, que atua sobre seus promotores e participantes e que escapa a qualquer tentativa de objetivação ou decifração apriorística (PEREZ, 2011).

## A intimidade entre a Festa e a Cidade

Na essência da cidade, a reunião, a conjunção de interesses díspares e divergentes em disputa pela ocupação e uso do espaço urbano. Não poderia mesmo ser diferente se aceita a tese aristotélica da *polis*, de que todo ser humano necessita de uma socioespacialidade compartilhada, de que é da natureza humana compor a sociedade política que se materializa na cidade (ARISTÓTELES, 2003). O sentido de tal “naturalização” da cidade é o da associação e interdependência, tal qual um espaço síntese da existência social, com base em uma predisposição humana à vida em sociedade e ao compartilhamento.<sup>1</sup> Na dialética dessa comunhão conflituosa, dadas a desigualdade e a inevitável tensão entre público e privado, a cidade é uma injunção política.

<sup>1</sup> Mumford (1965 apud BEZERRA, 2008).

Espaço construído muito além de corpos materiais e humanos adensados, eis o que reconhecemos como cidade. São formas, funções e movimentos ritmados por intencionalidades humanas, que conformam pensamentos e relações de poder. A cidade, desde sua origem, é espaço-sede do domínio político, da atividade comercial com base na apropriação centrípeta (nem sempre excedente) da produção agropastoril campesina. Com a indústria, o espaço-tempo cotidiano se acelera ao ritmo da produção capitalista e à dimensão de uma “urbanização extensiva” (MONT-MÓR, 2006, p. 15).

A íntima relação entre festa e cidade pode ser traduzida por uma efervescência coletiva sobre uma sociabilidade original que essencializa a urbe (SILVA; MIGUEZ, 2014). De fato, a cidade se expressa como coletividade sociopolítica e por territorialidades (modos de apropriação, ocupação e uso dos espaços) que a realizam em sua plenitude. Para Henri Lefebvre (2008, p. 4), a festa é o “principal uso da cidade”, de suas praças, ruas e monumentos em função do entretenimento, do consumo pelo prazer ou mesmo, evidência contemporânea, do prazer de consumir. Dessa forma, entendemos que a festa usa a cidade, refuncionaliza suas formas, produz novos espaços, promove interações. Festa e cidade se confundem enquanto espaço-tempo de experiência coletiva (mas também individual) em termos de diversidade e sociabilidade.

Tal como a cidade, a festa é reunião, adensamento de corpos em fruição, principalmente, em espaços públicos. Mas o que é festa? Léa Perez (2011) é enfática ao afirmar que o desafio de conceituar a festa reluta e desliza em correlações com o “divertimento (alegria)”, o “ritual” e o “espetáculo”. Nos meandros da fluidez conceitual ante o multiverso da festa, seja como fato, seja sobretudo como questão, a autora nos oferece um caminho: “A festa é uma celebração do elo; ‘renova os pactos, rejuvenesce as uniões’, precisamente, é o próprio elo em ação. É o tempo/espaço de múltiplas trocas, de rivalidades, de prestígio. É exuberância de vida e vigor fecundante, e reforça a comunhão” (PEREZ, 2011, p. 27).

A cidade (mesmo as menores) é espaço dialógico de intencionalidades de distintas origens, demandas e investimentos que diversificam ritmos e normas sociais e regem a urbanidade contemporânea. O espaço (urbano ou rural), cada vez mais, é experimentação de “formas-conteúdo” acionadas por múltiplas ações, do comando político à satisfação de necessidades e desejos, materiais e imateriais, que também se diversificam e se traduzem em produção e consumo de mercadorias e serviços. Essa perspectiva da cidade se sustenta na inseparabilidade entre resultado e processo, função e forma, sujeito e objeto, passado e futuro (SANTOS, 2006). Nesse sentido, para além de qualquer dicotomia, a técnica e a informacionalização se territorializam conectando, de forma desigual, lugares e pessoas em função

de necessidades, ou interesses (próprios ou desconhecidos), desigualdades que fluem com a localização. Entendemos assim que viver a cidade já não pressupõe a moradia dentro do perímetro urbano; estar na é estar para a cidade, é depender (querer ou fazer uso) de seu mercado, de suas estruturas e, claro, da sociabilidade que ela possibilita.

Consumo, diversidade e coletividade realizam a cidade, como também a festa. Esta, por sua vez, implica a cidade mesmo quando acontece, aparentemente, deslocada dela. Podemos afirmar que a cidade contém as intenções (poder) de captar a centralidade da festa, de promovê-la com tácita pretensão de controle. Esforço tão relutante quanto inócuo, pois a festa é transgressiva a tal intento. Mais uma vez, é fazer a reflexão seguir a trilha da festa como perspectiva, aberta por Léa Perez (2011, p. 34), e entender que

A festa deixa de ser um objeto a ser descrito para tornar-se um mecanismo; um operador de ligações que atua por meio da “destruição concertada” (Duvignaud, 1977) do “real socializado” (Grisoni, 1976), abrindo para a experimentação humana o campo do possível, i.e., do imaginário: campo das percepções e das imagens da vida coletiva, que não se reduzem à própria vida coletiva, pois que se referem e remetem à instância do desejo, do imprevisível, do indecível, do indeterminado, da interioridade, da embriaguez mística, do excesso, do gozo<sup>2</sup>.

No Recôncavo da Bahia, pequenas e médias cidades<sup>3</sup> buscam se projetar e articular outros centros e áreas alhures enquanto sediam festas. Essa observação é ainda mais nítida na festa de São João, quando disputam público e se esmeram em atrair o visitante disposto à diversão e ao dispêndio. Mas são centros também articulados por povoados, vilas e territórios quilombolas, por exemplo. Em que pese a invisibilidade de suas tradições festivas frente ao poder midiático dos grandes eventos espetacularizados da capital (TAVARES; BASSI, 2015), esses “pequenos mundos”<sup>4</sup> festivos adquirem centralidade e se projetam na região e além dela. Essa diversidade festiva, ainda pouco conhecida ou estudada, sinaliza suas articulações e uma fluidez que esvaziam qualquer classificação simplista, quantitativa ou mesmo dicotômica do que é cidade e do que não é; mais ainda do que é e do que não é festa.

O pensamento da festa como perspectiva de fazer a cidade em suas articulações e possibilidades nos leva a Cachoeira, mais do que a qualquer outra cida-

<sup>2</sup> As duas chamadas de referências que aparecem nessa citação constam do texto original, razão pela qual não se encontram entre as referências deste texto.

<sup>3</sup> De Varzedo, com cerca de 8.800 habitantes, a Santo Antônio de Jesus, com pouco mais de 100 mil, segundo estimativas do IBGE (Cidades) para o ano de 2019.

<sup>4</sup> “Pequenos mundos” é a expressão de Nelson de Araújo para se referir às grandes e pequenas comunidades do Recôncavo e seu surpreendente patrimônio cultural (ARAÚJO, Nelson. Pequenos mundos: um panorama da cultura popular da Bahia. Salvador: Edufba, 1986 (Tomo 1: Recôncavo).

de do Recôncavo da Bahia. Tombada como “monumento nacional”, a cidade é reconhecida tanto por seu patrimônio arquitetônico e histórico-cultural, quanto pelas inúmeras festas que articula. São mais de 40 festas no calendário anual que ensejam tanto a memória local (presentificação da história e afirmação de identidades), quanto à oportunidade de investimentos, ocupação e renda. O espectro cachoeirano de rugosidades<sup>5</sup> é potencial atrativo turístico, acrescenta sentidos, qualifica e territorializa as festas.

Cachoeira é festiva não apenas pelo *sui generis* calendário de festas, mas também por eleger o turismo cultural como estratégia de desenvolvimento local. Entendemos turismo cultural como vivência de participação e como experiência cultural, sobretudo, estética, intelectual e emocional (PÉREZ, 2009), em Cachoeira, diretamente relacionadas ao seu significativo patrimônio arquitetônico histórico-cultural. Este tem sido a base de sua potencialidade turística, porém em um contexto ainda carente de planejamento e sensibilização local, como afirma Castro (2005). Ainda que seja difícil dimensionar com números, observa-se claramente a importância do turismo cultural na dinamização do comércio e serviços de Cachoeira, como mostra Queiroz (2019). É nesse contexto, ao sabor de uma proclamada tradição festiva e singularidade histórica da “Joia do Recôncavo”<sup>6</sup> que a festa de São João tem se revestido, cada vez mais, de espetacularização. Ao investir em festas, Cachoeira segue uma opção político-econômica observada, contemporaneamente, em inúmeras cidades brasileiras. No âmago dessa predileção cachoeirana, observam-se questionamentos sobre as implicações identitárias nas intimidades entre festa e lugar, nas ambivalências do aparente confronto entre o tradicional e o moderno.

## As festas de Cachoeira

Muitas vezes a cidade se apresenta em formas e em cores diferentes, conforme o movimento da chegada. O olhar dos que vêm de fora é o que se abre ao diálogo e estabelece as relações com a cidade. É bem verdade que essa relação, num primeiro momento, pode ser de estranhamento, encanto, indisposição e confronto. Tudo depende da chegada e do modo que o visitante se dispõe às trocas. Cachoeira se propõe festiva, acolhedora, incomum, almeja ser espaço-tempo de experiência única por entender que seu lugar de patrimônio cultural se estabelece a partir do

<sup>5</sup> Milton Santos chama de rugosidades as formas (construções) do passado presentes no espaço e na paisagem, verdadeiros testemunhos de outros contextos históricos que persistiram à supressão e transformação impostas pelo tempo (SANTOS, 2006, p. 91-92).

<sup>6</sup> Expressão de Rubens Rocha, que intitula seu livro sobre a história de Cachoeira (ROCHA, Rubens. *Cachoeira, Joia do Recôncavo Baiano*. 2. ed. Tucano-BA: Gráfica Tibiriçá, 2015).

diálogo entre o seu passado (expresso na religiosidade e em sua arquitetura) e o seu presente/futuro (turismo cultural/festas).

A cidade, para o escritor Ítalo Calvino, em “Cidades Invisíveis”, se estabelece não na sua arquitetura, mas nas memórias dos viajantes que a conhecem. Isso significa que a cidade é feita “das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” (CALVINO, 2003, p. 9), refletidas no presente imediato. Em Cachoeira, essas relações estão expressas na distância entre a escadaria da Câmara e Cadeia, seus presos e o cigarro pendurado nas mãos do guarda; estão nas medidas entre o solo massapê, os pés inchados do seu agricultor e os desenhos nas nuvens, nos sabores da culinária. Assim, a cidade (no caso, Cachoeira) deve refluir suas recordações e dilatá-las em escritas angulares de suas ruelas, escadas, janelas e águas, descrevendo essas “medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”.

As festividades, no entanto, reconfiguram espaços e medidas de reconhecimento de importâncias. Ao se festejar, reconhecemos o fascínio daquele momento e sua influência na vida social. As festas, assim, fazem seu discurso, produzem e reproduzem narrativas. E são essas narrativas que perduram nas memórias de quem festeja, de quem observa, de quem lê. Nesse sentido, o segredo das cidades “[...] é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota” (CALVINO, 2003, p. 13).

O cenário musical que os olhares percorrem em dias de festas em Cachoeira é repleto de casarões de estilo barroco, conventos e igrejas seculares, terreiros que se erguem como pequenas localidades africanas do mais forte e profundo Axé. Toda essa energia ancestral do povo de santo, em Cachoeira, se projeta, de maneira intensa, em festividades sincréticas que movimentam mais da metade das celebrações no município. Celebrações de cunho tradicional e/ou religiosa em comunidades quilombolas, por exemplo, somam-se aos festejos de Cachoeira. São 16 comunidades quilombolas distribuídas na Bacia e no Vale do Iguape: Engenho Novo, São Francisco do Paraguaçu, Kalolé, Santiago do Iguape, Tombo, Engenho da Ponte, Engenho da Cruz, Kaimbongo Velho, Brejo da Guaíba, Kaonge, Dendê, Imbiara, Engenho da Praia, Tabuleiro da Vitória, Engenho da Vitória e Kalembá. Nesses locais, acontecem cerca de 14 festas e celebrações ao longo do ano.

As principais festividades dos quilombos são: Esmola Cantada para São Roque, que percorre, principalmente, os quilombos do Vale do Iguape (Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Kalembá, Kaonge, Dendê, Engenho Novo e Santiago do Iguape); Festa de São Roque, realizada na comunidade do Engenho da Ponte; Festa de São Pedro, no quilombo de Santiago do Iguape; Festa da Ostra, na comunidade do Kaonge (BASSI; TAVARES, 2017).

No centro urbano de Cachoeira ou nos seus distritos mais próximos, como Capoeiruçu, acontecem diversas festas e celebrações, muitas delas fixas em seu calendário anual. Devemos pontuar que algumas dessas festas dependem do apoio do Governo do Estado e/ou de editais específicos para eventos. São 28 eventos festivos que se realizam nas igrejas, nas ruas e/ou nas praças de Cachoeira.

As festividades que mais atraem o público externo do município são: Festa de Iemanjá, em fevereiro; Recôncavo Jazz Festival, em abril; “Esperando São João” e São João Feira do Porto, em junho; Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em agosto; FLICA – Festa Literária Internacional de Cachoeira, em outubro; Festa de Nossa Senhora d’Ajuda, em novembro e a Festa de Santa Bárbara, em dezembro.

Assim, somam-se mais de 40 festas ao longo do ano no município de Cachoeira. Na perspectiva do turismo cultural, tem-se um amplo espaço de inter-relações socioterritoriais entre distritos, vilas, quilombos e núcleos comunitários. Essa orquestração, a partir da cidade, dinamiza as finanças do município e firma a imagem de uma Cachoeira festiva. Ressaltamos que, em muitas das festas sediadas na cidade, verifica-se a presença da agricultura familiar e de artesanatos de municípios vizinhos.

A profusão de festas em Cachoeira é relevante. Algumas dessas festividades são seculares, como é o caso da Festa de Nossa Senhora da Boa Morte (1840), Festa da Nossa Senhora d’Ajuda (1872) e a Festa Junina, que não possui um registro histórico exato de seu começo, mas que remete ao período colonial.

Outras celebrações mais recentes também movimentam o cenário festivo do município. Desde 2006, a Festa de Iemanjá é organizada pelos terreiros de Candomblé da cidade em parceria com a Prefeitura Municipal. É a segunda maior festa em celebração à Iemanjá da Bahia, superada apenas pela que se realiza em Salvador. Também recente é a Festa da Ostra, de 2009, realizada no Quilombo Kaonge. Há ainda outra mais recente e midiática, a Festa Literária Internacional de Cachoeira, a Flica, que é realizada na cidade desde 2011 e, a cada ano, recebe mais investimentos e atratividade de público.

As festas, em sua constituição, também se permitem efemeridades. Surgem e desaparecem em ritmos desconexos. Outras festividades que surgiram com potencial turístico e de grande movimentação cultural, mas que não conseguiram investimentos dos editais setoriais e nem da Prefeitura, são, por exemplo, o Reconvexo – Festival de Vídeo – Projeções Mapeadas da América Latina (de 2013 a 2017) e o Caruru dos 7 poetas (de 2004 a 2018). Obviamente, o poder municipal não tem condições de financiar todos os projetos festivos. Mas, a partir do discurso oficial, percebe-se uma narrativa de sucesso festivo, de projetos culturais bem sucedidos em seus efeitos financeiros, que se constrói a partir de eventos como



a “Flica” e o “Esperando São João”. Na mesma linha, em torno da realização do Festival Origens<sup>7</sup>, que acontece em Cachoeira desde 2017, revela-se um discurso não apenas cultural, mas sobretudo financeiro. Cachoeira se abre às festividades efêmeras, ao passo que consolida e investe nas que afirmam história e identidade. No cerne dessa dinâmica festiva, as ambivalências entre festa e cidade.

Religiosas, profanas, cívicas, socioculturais ou gastronômicas, as festas tecem novas relações, reforçam as antigas, movimentam territórios e temporalidades. As celebrações transmutam cotidianos e nos mostram como o conjunto dos bens materiais e imateriais da festa é representativo para o sentimento de pertença a um lugar. Recorrendo, sem hesitar, à metáfora, podemos dizer que são as celebrações que fazem fluir a vida como água menos pesada, menos turva, menos poluída. Mas, como disse Duvignaud (1983, p. 08), ela, a festa, “[...] deixa sementes que, mais ou menos tardiamente, agitam os espíritos e perturbam a sonolência da vida comum”. As relações que se firmam e que se estabelecem nas “entrevidas” das festas, essas retornam ativas nas memórias.

Na tentativa de quebrar a redundância, ao menos em termos de festas, Cachoeira não espera o “São João”, pelo menos não da maneira usual.

## A festa que (não) espera a festa

A Festa de São João é, sem dúvida, o carro-chefe do turismo cultural com base em eventos festivos em Cachoeira, pelo menos, desde a década de 1990. Na verdade, esse evento tem projeção econômica significativa em boa parte dos municípios do interior da Bahia, por movimentar recursos financeiros em proporções que impactam substancial e positivamente as contas municipais e o faturamento de restaurantes e vendedores ambulantes de alimentos e bebidas (BAHIA, 2013).

De acordo com Almeida e Reis (2016), a Festa de São João de Cachoeira passou por um progressivo processo de descaracterização. Antes uma festa de cunho familiar, associada à realização da feira do porto, evento também tradicional de comercialização de produtos que chegavam a Cachoeira pelo rio Paraguaçu. Um passado de proeminência cultural, popular e econômica dessa feira se atesta na denominação oficial da festa, como São João Feira do Porto de Cachoeira.

Mudanças no São João em Cachoeira não é uma preocupação recente, ao tempo em que a Bahiatursa<sup>8</sup> divisava a descaracterização da própria feira do

<sup>7</sup> Festa restrita a investidores e empresários do Tabaco.

<sup>8</sup> A Bahiatursa era uma empresa de economia mista que, em 2015, foi incorporada à Secretaria de

porto (BAHIA, 1980). Tal processo contempla também as insatisfações manifestas, sobretudo, pela população mais idosa, com a programação do evento, em vista da apresentação de bandas e ritmos musicais distintos dos que, tradicionalmente, são associados à história e à identidade da festa. Ainda que a maior parte da população cachoeirana esteja abaixo dos 40 anos de idade (eram cerca de 70% do total, em 2010), as pessoas com mais idade e, sobretudo, as que vivenciaram em sua juventude o São João Feira do Porto (com 50 anos ou mais, cerca de 20% do total), em parte, não apenas ressentem as mudanças como pressionam por um “retorno às raízes” da festa<sup>9</sup>.

Ao investigarem a avaliação dos moradores de Cachoeira quanto às mudanças do São João, Almeida e Reis mostram que 46% dos entrevistados julgaram como negativas, 28% foram indiferentes e 26% consideram-nas positivas (2016, p. 114). As festas mudam, a população e a cidade também, de modo que tais julgamentos devem ser relativizados em função de variáveis subjetivas, como os interesses e as motivações pela festa e pelo lugar.

Não temos dúvida de que o São João de Cachoeira seja uma festa-espetáculo. Na base dessa afirmação está o entendimento de que a espetacularização se assenta na ampla dimensão da festa no espaço da cidade, sua abrangência para além do Recôncavo e a grande (e crescente) massa de foliões presentes ao evento. Essa é a concepção que nos oferece Castro (2012), para quem outro elemento, francamente observado em Cachoeira, evidencia o caráter espetacular das festas juninas, qual seja a “[...] grande concentração de foliões e turistas em espaços públicos – praças, avenidas... – ou privados.” (p. 89). O autor ainda acrescenta que a espetacularização, na atualidade, também se traduz na realização do evento festivo para a promoção de uma “imagem-síntese da cidade” (CASTRO, 2012, p. 90). É o momento em que a gestão pública municipal de Cachoeira se esmera em promover seu patrimônio cultural (monumento nacional), reafirmar seu protagonismo histórico (“cidade heroica”) e divulgar que realiza o “mais tradicional” São João da Bahia.

A espetacularização do São João de Cachoeira se inicia no contexto da interiorização do turismo no Estado, a partir de 1990. A turistificação com base no “consumo cultural” constituiu a linha de orientação do planejamento e investimentos em Cachoeira, no intuito de tornar o São João o evento-espetáculo principal da cidade, em vista da importância histórica e cultural dessa festa não só na Bahia, como em toda a região Nordeste. Como que complementando o Turismo da Bahia, tornando-se a Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia. Tem por missão executar a política de fomento e desenvolvimento do turismo, incluindo a promoção e apoio a eventos turísticos no Estado.

<sup>9</sup> Os percentuais foram calculados com base na estrutura etária do município de Cachoeira, em 2010 (IBGE, Censo Demográfico).

“São João espetáculo”, está o propósito da mercantilização da cultura com base na atratividade turística do patrimônio arquitetônico, ampliada pelas festas de Cachoeira. Nesse contexto, observa-se o discurso de que a Festa de São João se tornou um “bom negócio” para comerciantes (pequenos empresários e ambulantes) e para o poder público municipal.

Na contramão da espetacularização, verificam-se as iniciativas de promover a tradição do São João Feira do Porto de Cachoeira e de apoiar as manifestações populares, como os folguedos, os grupos de samba de roda e o bumba-meu-boi (CASTRO, 2009). Assim, é justo afirmar que, em Cachoeira, as mudanças experimentadas pelo São João, ao sabor da espetacularização do evento, de certo modo, são resistidas nas práticas de festejos juninos com, pelo menos, um “pé na tradição”. Para além de qualquer “saudosismo”, a festa é suficientemente aberta e volúvel para se fazer também de expectativas, percepções e sentidos ambíguos e ambivalentes, na complexidade do seu próprio devir.

É precisamente no vir a ser da festa de São João, de sua realização à luz das possibilidades que ela própria gera, que uma iniciativa da gestão pública municipal de Cachoeira parece ter sido concebida também para acalmar (talvez compensar) os ânimos mais saudosistas. Trata-se do projeto festivo “Esperando São João”. O evento foi criado em 2005 com o objetivo de preparar “[...] a cidade para a chegada do tradicional São João Feira do Porto”<sup>10</sup>. Enquanto participantes das últimas quatro edições dessa festa (2016 a 2019), observamos que tal preparação vai além do provimento das estruturas necessárias à realização do São João, da decoração, da logística e de toda a organização espacial e funcional da festa.

Em vista de um São João espetacularizado e, por conseguinte, com uma programação voltada ao grande público (majoritariamente jovens procedentes da capital<sup>11</sup>), o “Esperando São João” soa como espécie de “retorno às origens”, ao que se considera tradicional da festa junina. Desde a primeira edição (2005), o evento conta com uma programação que privilegia artistas locais e regionais, bandas de forró, quadrilhas, em estruturas mais simples e com maior proximidade do público. Assim, parece atender, em alguma medida, a preocupação em manter o caráter imemorial pitoresco, “caipira” e familiar do São João (Fotografias 1, 2 e 3).

<sup>10</sup> Matéria intitulada “Cachoeira: atrações antes e durante o São João”, publicada por Link Recôncavo: Notícias do Recôncavo da Bahia, em 5 jun. 2010 (Disponível em: <http://www2.ufrb.edu.br/linkreconcavo/tag/sao-joao/index.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

<sup>11</sup> Salvador foi a localidade emissora de 85% dos participantes do São João de Cachoeira em 2011 (BAHIA, 2013).

**Fotografia 1** – “Esperando São João de Cachoeira”, banda regional de forró.



(Fonte: Acervo do projeto, Cachoeira, junho de 2019)

**Fotografia 2** – “Esperando São João de Cachoeira”, a quadrilha.



(Fonte: Acervo do projeto, Cachoeira, junho de 2019)

**Fotografia 3** – “Esperando São João de Cachoeira”, estruturas simples e próximas ao público.



(Fonte: Acervo do projeto, Cachoeira, junho de 2019)

Ao estender os festejos juninos por todo o mês de junho, o “Esperando São João” gerou tensões relacionadas à ocupação e uso do espaço. Em sua última edição (2019), houve um deslocamento da centralidade da festa, da Praça Ubaldino de Assis (conhecida como “Jardim Grande”) para a Avenida 25. Uma recente revitalização desse logradouro ampliou o espaço de circulação livre de veículos. A obra firmou a Avenida 25 como espaço público-privado de maior centralidade na configuração espacial das festas em Cachoeira, mesmo quando não as assenta diretamente. É um espaço de entretenimento, de bares e restaurantes dividindo a paisagem histórica. É espaço também das festas, no sentido de sua apropriação e uso, precipuamente, para o consumo comercial e cultural (Fotografias 4 e 5).

Por via do projeto festivo “Esperando São João”, o poder público municipal atua no sentido de promover a economia local. Foi o que observamos em 2018 com o Festival do Licor. Para os fabricantes locais, o evento foi uma oportunidade de promover seu produto. O poder público municipal já ensaiava a ideia em 2016, colocando na Praça Goes Calmon um corredor gastronômico e um “Licódromo”. Para degustar os licores, os visitantes entravam em uma “casinha” (de aparência rústica), onde ouviam uma detalhada explicação sobre o sabor e a procedência dos licores degustados. Numa espécie de simbiose festiva, o “Esperando São João”

de 2019 hospedou o Festival do Licor, promovendo-o com venda e degustação na realização do concurso do melhor licor de Cachoeira (Fotografias 6 e 7).

**Fotografia 4** – “Esperando São João de Cachoeira”, Avenida 25, centralidade nos bares e no calçadão.



(Fonte: Acervo do projeto, Cachoeira, junho de 2019)

**Fotografia 5** – “Esperando São João de Cachoeira”, público no calçadão da 25.



(Fonte: Acervo do projeto, Cachoeira, junho de 2019)

**Fotografia 6** – “Esperando São João de Cachoeira”, barraca de degustação de licores.



(Fonte: Acervo do projeto, Cachoeira, junho de 2019)

**Fotografia 7** – “Esperando São João de Cachoeira”, ambulantes e venda de licores.



(Fonte: Acervo do projeto, Cachoeira, junho de 2019)

## Considerações finais

As festas cada vez mais fazem a cidade de Cachoeira. Fazem-na de novos e antigos usos do espaço urbano; da diversidade de tempos e ritmos; do sagrado das procissões e ofertas a Iemanjá e do profano nas performances das charangas que percorrem travessas e avenidas; do incremento demográfico que tensiona os espaços públicos e privados. É estar em Cachoeira para os festejos juninos e ver suas praças, ruas e o significativo patrimônio arquitetônico funcionalizados em vista do entretenimento e do consumo cultural e comercial. De fato, a festa usa a cidade e expande seus sentidos.

Em Cachoeira, há tanto as festas “novas”, que não respondem ao tempo histórico, como as “antigas”, verdadeiras rugosidades imateriais, que se esmeram sobre o passado ancestral enquanto vivem o presente. A festa está na alma de Cachoeira, como das cidades e territórios comunitários que perfazem as dimensões identitárias e culturais do Recôncavo da Bahia. Mas, é claro, Cachoeira não é só festas. Como ouvimos em uma das visitas de campo, as festas são atrações para a promoção dos verdadeiros atrativos: o patrimônio histórico-cultural e as singularidades imateriais ancestrais de Cachoeira.

Há boa dose de volatilidade no fenômeno festivo, cujo devir contempla a incerteza e a fluidez contemporâneas. Nesse contexto, Festa e Cidade podem até se voltar para o tempo efêmero da satisfação consumidora, mas é claro que também investem no tempo da insatisfação disruptiva. Celebração é manifestação, energia de exaltação que essencializa a vida. Assim é Cachoeira, cidade e territórios que vivem as festas e, também por meio delas, comunicam o que são, o que querem e o que não querem.

Vimos que o denso calendário festivo de Cachoeira é expressão de sua história, mas também de ações políticas. É evidente a promoção de festas como estratégia de dinamização socioeconômica em todo o Recôncavo. Nesse contexto, Cachoeira se projeta e seu intento de polarização festiva, no mínimo, atrai para si atenções que também a promovem. Nada mais emblemático, nesse sentido, a proeminência dos festejos juninos por sua importância cultural, social, política e econômica, sobretudo, no Nordeste para além das capitais. O São João Feira do Porto de Cachoeira é, sem dúvida, o “carro-chefe” entre as festas de maior atratividade de público. O evento é uma marca do lugar e sua espetacularização, paradoxalmente, tem procurado reforçar o caráter tradicional da festa junina que se almeja preservar.

Podemos concluir que o Esperando São João seja um projeto festivo bem sucedido a partir de, pelo menos, dois aspectos importantes: por um lado, amplia



o tempo da celebração junina e, por outro, fortalece o escopo comemorativo da “tradição” festiva do São João. O evento está consolidado no calendário da cidade e vem se constituindo em espaço-tempo de outras iniciativas, como é o caso do Festival do Licor, no intuito de promover ainda mais a economia local.

A relação ambivalente entre a percepção e prática do festejo junino “tradicional” e a promoção do espetáculo, o São João Feira do Porto, para além de qualquer visão dicotômica, expressa sociabilidades da festa e sinaliza uma complexidade dinâmica ainda por ser explorada em pesquisas futuras. Como perspectiva, o “Esperando São João de Cachoeira”, ideia que já se vê replicada em outros municípios do Recôncavo, certamente tem potencial para ir muito além de mero prólogo festivo.

## Referências

- ALMEIDA, Randerson S.; REIS, Renato B. Análise da expressividade cultural do São João de Cachoeira-BA com a contribuição da geotecnologia: a percepção dos moradores locais. *Revista Iberoamericana de Turismo*, Penedo, v. 6, n. 1, p. 94-113, jan./jun. 2016.
- ARISTÓTELES. *Política*. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- BAHIA. Empresa de Turismo da Bahia S.A. (Bahiatursa). São João. *Revista Viver Bahia*, Salvador, n. 50, jun. 1980.
- BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais do Estado da Bahia. *Efeitos da Festa de São João em municípios selecionados*. Salvador: SEI, 2013. (Relatório).
- BASSI, Francesca; TAVARES, Fátima. Preparando o banquete, sonhando a festa: memória e patrimônio nas festas quilombolas (Cachoeira-Bahia). *Acenon – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 4, n. 7, p. 15-32, jan./jul. 2017. (Cultura Popular, Patrimônio e Performance, Dossiê).
- BEZERRA, Amélia C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 1-18, jan./jun. 2008.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- CASTRO, A. C. O patrimônio histórico-cultural e o turismo na Cidade Heroica de Cachoeira-BA: potencialidade x realidade. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 7, n. 11, p. 113-119, set. 2005.
- CASTRO, Janio R. B. O papel das manifestações culturais locais/regionais no contexto da turistificação das festas juninas espetacularizadas em Cachoeira-BA. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Edufba, 2009.
- CASTRO, Janio R. B. Espetacularização e mercantilização das festas juninas na atualidade. In: CASTRO, R. B. *Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano*. Salvador: Edufba, 2012. p. 85-146.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Tradução: L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: UFCE / Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- LEFREBURE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- PEREZ, Léa F. Festa para além da festa. In: PEREZ, Léa F.; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 21-42.

PÉREZ, Xerardo P. *Turismo Cultural: uma visão antropológica*. Tenerife, Espanha: ACA y PASOS, 2009. (Colección Pasos edita, número 2).

QUEIROZ, L. M. A. *Turismo cultural e desenvolvimento: Cachoeira & Ouro Preto*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2019.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, Ariel L.; MIGUEZ, Paulo. Cultura, festa e cidade: tecendo relações. *Revista Observatório da Diversidade Cultural*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 19-27, 2014.

MONTE-MÓR, Roberto L. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 111, p. 09-18, jul./dez. 2006.

TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca. Diversidade e invisibilidade festiva na Baía de Todos os Santos. In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca. *Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios e sociabilidades*. Salvador: Edufba, 2015. p. 255-278.